

2

Pesquisa bibliográfica e resumos

2.1 Fases da pesquisa bibliográfica

A pesquisa bibliográfica compreende oito fases distintas:

- a) escolha do tema;
- b) elaboração do plano de trabalho;
- c) identificação;
- d) localização;
- e) compilação;
- f) fichamento;
- g) análise e interpretação;
- h) redação.

2.1.1 Escolha do tema

O tema é o assunto que se deseja provar ou desenvolver; “é uma dificuldade, ainda sem solução, que é mister determinar com precisão, para intentar, em seguida, seu exame, avaliação crítica e solução” (Asti Vera, 1976:97).

Escolher um tema significa levar em consideração fatores internos e externos.

Os internos consistem em:

- a) selecionar um assunto de acordo com as inclinações, as aptidões e as tendências de quem se propõe a elaborar um trabalho científico;
- b) optar por um assunto compatível com as qualificações pessoais, em termos de *background* da formação universitária e pós-graduada;

- c) encontrar um objeto que mereça ser investigado cientificamente e tenha condições de ser formulado e delimitado em função da pesquisa.

Os externos requerem:

- a) a disponibilidade do tempo para realizar uma pesquisa completa e aprofundada;
- b) a existência de obras pertinentes ao assunto em número suficiente para o estudo global do tema;
- c) a possibilidade de consultar especialistas da área, para uma orientação tanto na escolha quanto na análise e interpretação da documentação específica.

Além disso, não há necessidade de duplicação de estudos, uma vez que há uma vasta gama de temas a serem pesquisados. Devem-se evitar assuntos sobre os quais recentemente foram feitos estudos, o que torna difícil uma nova abordagem.

Embora a escolha do tema possa ser determinada ou sugerida pelo professor ou orientador, quando se trata de um principiante, o mais frequente é a opção livre.

As fontes para a escolha do assunto podem originar-se da experiência pessoal ou profissional, de estudos e leituras, da observação, da descoberta de discrepâncias entre trabalhos ou da analogia com temas de estudo de outras disciplinas ou áreas científicas.

Após a escolha do assunto, o passo seguinte é a sua delimitação. É necessário evitar a eleição de temas muito amplos que ou são inviáveis como objeto de pesquisa aprofundada ou conduzem a divagações, discussões intermináveis, repetições de lugares-comuns ou “descobertas” já superadas.

Para Salvador (1980:46-48), a delimitação do assunto implica:

- A) **Distinguir o sujeito e o objeto da questão.** “O sujeito é a realidade a respeito da qual se deseja saber alguma coisa. É o universo de referência. Pode ser constituída de objetos, fatos, fenômenos ou pessoas a cujo respeito faz-se o estudo com dois objetivos principais: ou de melhor apreendê-los ou com a intenção de agir sobre eles.” “O objeto de um assunto é o tema propriamente dito.” Corresponde àquilo que se deseja saber ou realizar a respeito do sujeito. “É o conteúdo que se focaliza, em torno do qual gira toda a discussão ou indagação.”

Exemplo:

Organização do Trabalho – o sujeito é trabalho; o objeto é organização.

- B) **Especificar os limites da extensão tanto do sujeito quanto do objeto.** Pode ser realizado através de:
- a) **Adjetivos explicativos ou restritivos.** “Pelos adjetivos explicativos, designam-se as qualidades, condições ou estados essenciais ao sujeito

ou objeto. Ao contrário, pelos adjetivos restritivos, indicam-se as qualidades, condições ou estados accidentais do sujeito ou objeto. O adjetivo explicativo é um desdobramento das partes constituintes de um ser, ao passo que o adjetivo restritivo ou accidental é um acréscimo arbitrário.”

Exemplo:

- adjetivo explicativo: *Organização social do trabalho.*
- adjetivo restritivo: *Organização atual do trabalho.*

b) **Complementos nominais de especificação.** “São pessoas ou coisas que, acrescentadas a substantivos ou adjetivos, especificam a ação ou sentimentos que os mesmos substantivos ou adjetivos designam.”

Exemplo: Organização social do trabalho de produção artesanal.

c) **Determinação das circunstâncias.** “Às vezes, pode ser necessário determinar as circunstâncias que limitam mais ainda a extensão do assunto, especialmente as circunstâncias de tempo e espaço.”

Exemplo:

Organização social do trabalho de produção artesanal durante a Idade Média na Europa Ocidental.

2.1.2 *Elaboração do plano de trabalho*

A elaboração do Plano de Trabalho pode preceder o fichamento, quando então é provisório, ou ocorrer depois de iniciada a coleta de dados bibliográficos, quando já se dispõe de mais subsídios para elaboração do plano definitivo, o que não quer dizer estático. Isso porque o aprofundamento em determinadas etapas da investigação pode levar a alterações no todo do trabalho.

Na elaboração do plano deve-se observar a estrutura de todo o trabalho científico: introdução, desenvolvimento e conclusão.

- a) **Introdução.** Formulação clara e simples do tema, sua delimitação, importância, caráter, justificativa, metodologia empregada e apresentação sintética da questão.
- b) **Desenvolvimento.** Fundamentação lógica do trabalho, cuja finalidade é expor e demonstrar suas principais ideias. Apresenta três fases:
 - **Explicação.** Explicar é apresentar o sentido de um tema, é analisar e compreender, procurando suprimir o ambíguo ou o obscuro.
 - **Discussão.** É o exame, a argumentação e a explicação do tema: explica, discute, fundamenta e enuncia as proposições.

- **Demonstração.** É a dedução lógica do trabalho, implicando o exercício do raciocínio.

O desenvolvimento do tema exige a divisão do mesmo em tópicos logicamente correlacionados. As partes do trabalho não podem ter uma organização arbitrária, mas baseada na estrutura real ou lógica do tema, sendo que as partes devem estar “sistematicamente vinculadas entre si e ordenadas em função da unidade de conjunto”. Para tal, “é necessário saber distinguir o fundamental do secundário, o principal do subordinado e distribuir equitativa e gradualmente as partes segundo este critério” (Salvador, 1980:62).

- c) **Conclusão.** Consiste no resumo completo, mas sintetizado, da argumentação desenvolvida na parte anterior. Devem constar da conclusão a relação existente entre as diferentes partes da argumentação e a união das ideias e, ainda, a síntese de toda a reflexão.

A fase da elaboração do plano de trabalho engloba ainda a formulação do problema, o enunciado de hipóteses e a determinação das variáveis. Uma descrição detalhada e exaustiva, com exemplos, pode ser encontrada na obra *Metodologia científica*, das mesmas autoras (Atlas, 1982, Capítulos 4 e 5).

2.1.3 Identificação

É a fase de reconhecimento do assunto pertinente ao tema em estudo.

O primeiro passo seria a procura de catálogos onde se encontram as relações das obras. Podem ser publicados pelas editoras, com a indicação dos livros e revistas editados, ou pertencer a bibliotecas públicas, com a listagem por título dos trabalhos. Há ainda os catálogos específicos de alguns periódicos, com o rol dos artigos publicados anteriormente.

O segundo passo, tendo em mãos o livro ou periódico, seria o levantamento, pelo Sumário ou Índice, dos assuntos nele abordados. Outra fonte de informações refere-se aos *abstracts* contidos em algumas obras que, além de oferecerem elementos para identificar o trabalho, apresentam um resumo analítico do mesmo.

O último passo teria em vista a verificação da bibliografia ao final do livro ou do artigo, se houver, constituída, em geral, pela indexação de artigos de livros, teses, folhetos, periódicos, relatórios, comunicações e outros documentos sobre o mesmo tema.

2.1.4 Localização

Tendo realizado o levantamento bibliográfico, com a identificação das obras que interessam, passa-se à localização das fichas bibliográficas nos arquivos das bibliotecas públicas, nos de faculdades oficiais ou particulares e outras instituições.

O Catálogo Coletivo Nacional, situado no Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, atende a consultas, realizadas por carta ou telefone, sobre trabalhos existentes em diferentes bibliotecas do País. Também possui um Banco de Tese, cujos trabalhos podem ser consultados ou mesmo reproduzidos com a anuência do autor. A relação das teses consta de um catálogo encontrado, em geral, nas bibliotecas de faculdades.

2.1.5 *Compilação*

É a reunião sistemática do material contido em livros, revistas, publicações avulsas ou trabalhos mimeografados. Esse material pode ser obtido por meio de fotocópias, xerox ou microfímes.

2.1.6 *Fichamento*

À medida que o pesquisador tem em mãos as fontes de referência, deve transcrever os dados em fichas, com o máximo de exatidão e cuidado.

A ficha, sendo de fácil manipulação, permite a ordenação do assunto, ocupa pouco espaço e pode ser transportada de um lugar para outro. Até certo ponto, leva o indivíduo a pôr ordem no seu material. Possibilita ainda uma seleção constante da documentação e de seu ordenamento.

Em face do exposto, deve-se tentar convencer o aluno da importância, necessidade e utilidade das fichas, principalmente por facilitar o desenvolvimento das atividades acadêmicas e profissionais.

2.1.7 *Análise e interpretação*

A primeira fase da análise e da interpretação é a crítica do material bibliográfico, sendo considerado um juízo de valor sobre determinado material científico. Divide-se em *crítica externa e interna*.

A *crítica externa* é feita sobre “o significado, a importância e o valor histórico de um documento, considerado em si mesmo e em função do trabalho que está sendo elaborado” (Salomon, 1972:256). Abrange:

- a) **crítica do texto.** Averigua se o texto sofreu ou não alterações, interpolações e falsificações ao longo do tempo. Investiga principalmente se o texto é autógrafa (escrito pela mão do autor) ou não; em caso negativo, se foi ou não revisto pelo autor; se foi publicado pelo autor ou outra pessoa o fez; que modificações ocorreram de edição para edição;

- b) **crítica da autenticidade.** Determina o autor, o tempo, o lugar e as circunstâncias da composição;
- c) **crítica da proveniência.** Investiga a proveniência do texto. Varia conforme a ciência que a utiliza. Em História, tem particular importância o estudo de onde provieram os documentos; em Filosofia, interessa muito mais discernir até que ponto uma obra foi mais ou menos decalcada sobre outra.

Quando se trata de traduções, o importante é verificar a fidelidade do texto examinado em relação ao original.

A *crítica interna* é aquela que aprecia o sentido e o valor do conteúdo. Compreende:

- a) **crítica de interpretação ou hermenêutica.** Averigua o sentido exato que o autor quis exprimir. Facilita esse tipo de crítica o conhecimento do vocabulário e da linguagem do autor, das circunstâncias históricas, ambientais e de pensamento que influenciaram a obra, da formação, mentalidade, caráter, preconceitos e educação do autor. "Compreender um texto equivale a haver entendido o que o autor quis dizer, os problemas que postulou e as soluções que propôs para os mesmos" (Asti Vera, 1979:127);
- b) **crítica do valor interno do conteúdo.** Aprecia a obra e forma um juízo sobre a autoridade do autor e o valor que representa o trabalho e as ideias nele contidas.

A segunda, terceira e quarta fases, respectivamente, decomposição dos elementos essenciais e sua classificação, generalização e análise crítica, correspondem às três da análise de texto.

Finalmente, a interpretação exige a comprovação ou refutação das hipóteses. Ambas só podem ocorrer com base nos dados coletados. Deve-se levar em consideração que os dados por si sós nada dizem, é preciso que o cientista os interprete, isto é, seja capaz de expor seu verdadeiro significado e compreender as relações mais amplas que podem conter.

2.1.8 Redação

A redação da pesquisa bibliográfica varia de acordo com o tipo de trabalho científico que se deseja apresentar. Pode ser uma monografia, uma dissertação ou uma tese.

2.2 Fichas

Para o pesquisador, a ficha é um instrumento de trabalho imprescindível. Como o investigador manipula o material bibliográfico, que em sua maior parte não lhe pertence, as fichas permitem:

- a) identificar as obras;
- b) conhecer seu conteúdo;
- c) fazer citações;
- d) analisar o material;
- e) elaborar críticas.

Criado no século XVII pelo Abade Rozier, da Academia Francesa de Ciências, o sistema de ficha é atualmente utilizado nas mais diversas instituições, para serviços administrativos, e nas bibliotecas, onde, para consulta do público, existem fichas de autores, de títulos, de séries e de assuntos, todas em ordem alfabética.

2.2.1 Aspecto físico

É desejável que se dê uma atenção especial ao aspecto físico das fichas, uma vez que todo o trabalho científico requer a utilização de um grande número delas e sua preparação pode estender-se por muitos anos. Dado o seu contínuo emprego, é mais viável ao estudioso a opção por um tamanho único de fichas, mesmo que utilize vários fichários.

Os tamanhos mais comuns de fichas são:

Tipo grande	12,5 cm × 20,5 cm
Tipo médio	10,5 cm × 15,5 cm
Tipo pequeno (internacional)	7,5 cm × 12,5 cm

Sendo as fichas utilizadas tanto para indicação bibliográfica quanto para resumo, entre outras formas, é conveniente que a escolha do tamanho seja baseada em características individuais, ou seja, quem tem letra pequena não necessita, obviamente, de muito espaço para escrever, ao contrário dos que possuem letra grande; para pessoas mais sintéticas o ideal é a ficha pequena, o mesmo não ocorrendo com as muito prolixas, que devem escolher fichas médias ou grandes.

Precisando-se utilizar o reverso das fichas, para continuar as anotações, será mais adequado fazer coincidir a última linha do anverso com a primeira do reverso, de forma que a ficha possa ser girada sobre si mesma. Essa prática tem a vantagem de permitir a leitura do verso sem retirar a ficha do seu lugar. Quando as anotações de uma ficha precisam continuar em uma segunda ou mais fichas, é imprescindível que se repita o cabeçalho com a indicação, em letras maiúsculas, da sequência, como se verá mais adiante.

2.2.2 Composição das fichas

A estrutura das fichas, de qualquer tipo, compreende três partes principais: cabeçalho, referência bibliográfica e corpo ou texto. As outras, optativas, são, em ordem

de sequência, principalmente nas fichas bibliográficas, a indicação da obra (quem, principalmente, deve lê-la) e o local em que ela pode ser encontrada (qual biblioteca).

2.2.2.1 Cabeçalho

O cabeçalho compreende: o título genérico remoto, o título genérico próximo, o título específico, o número de classificação da ficha (Salvador, 1980: 113-117) e a letra indicativa da sequência (quando se utiliza mais de uma ficha, em continuação).

Esses elementos são escritos na parte superior da ficha, em duas linhas: na primeira, consta apenas, à esquerda, o título genérico remoto, na segunda, em quatro quadrinhos, da esquerda para a direita, o título genérico próximo, o título específico, o número de classificação e o código indicativo da sequência (que permanece em branco quando se utiliza uma só ficha, frente e verso).

Para se ter o título específico e o número de classificação da ficha é necessário que se faça, ao início de cada estudo, um planejamento do assunto que se irá pesquisar, com a respectiva divisão de tópicos.

Exemplo:

Ocupações Marginais no Nordeste Paulista

- 1 Introdução
 - 2 Ocupações Marginais
 - 2.1 Conceito de Ocupação Marginal
 - 2.2 Características das Ocupações Marginais
 - 2.2.1 Características Econômicas
 - 2.2.2 Características Socioculturais
 - 3 Ocupações Marginais e Mobilidade Social
 - 3.1 Desigualdade Social
 - 3.2 Mobilidade Social
 - 3.2.1 Modelos Explicativos da Mobilidade Social
 - 3.2.2 A Metodologia da Mobilidade
 - 3.2.3 Mobilidade e Distância Social
 - 4 Ocupações Marginais na Área Urbana
 - 4.1 Setor Artesanal
 - 4.2 Setor de Comércio
 - 4.3 Setor de Serviços
 - 5 Ocupações Marginais na Área Rural
 - 5.1 Setor da Agricultura
-

5.2 Setor da Pecuária

5.3 Setor de Mineração

6 Conclusões

Como auxílio do plano podem-se compor os cabeçalhos, como se segue:

1)

Ocupações Marginais no Nordeste Paulista		
Introdução	1	

2)

Ocupações Marginais no Nordeste Paulista			
Ocupações Marginais	Conceito de . . .	2.1	

3)

Ocupações Marginais no Nordeste Paulista			
Ocupações Marginais	Características das . . .	2.2	

4)

Ocupações Marginais no Nordeste Paulista			
Características das . . .	Características Econômicas	2.2.1	

5)

Ocupações Marginais no Nordeste Paulista			
Características das . . .	Carac. Socioculturais	2.2.2	A

6)

Ocupações Marginais no Nordeste Paulista			
Características das . . .	Carac. Socioculturais	2.2.2	B

No exemplo 1), *Ocupações Marginais no Nordeste Paulista*, como tema geral, é o título genérico remoto que permanece constante em todas as fichas; *Introdução* é o título genérico próximo; não há título específico, pois essa parte não se subdivide; finalmente, o algarismo 1 é o número de classificação da ficha.

Os exemplos 2) e 3) apresentam, como todas as fichas feitas para o mesmo estudo, igual título genérico remoto, *Ocupações Marginais no Nordeste Paulista*; ambas apresentam o mesmo título genérico próximo, *Ocupações Marginais*, diferenciando-se pelo título específico. *Conceito de . . .* e *Características das . . .* que correspondem à segunda parte do trabalho: *Ocupações Marginais*; os algarismos 1 e 2, que se seguem ao ponto (2.1 e 2.2), indicam as subdivisões dessa segunda parte, respectivamente, *Conceito de . . .* e *Características das . . .*

No exemplo 4) verifica-se uma alteração: se o título genérico remoto permanece o mesmo (*Ocupações Marginais no Nordeste Paulista*), o título genérico próximo se modifica, passando a ser o do segundo item da segunda parte, *Características das . . .*. O título específico é agora *Características Econômicas, primeira subdivisão do segundo item da segunda parte*, portanto, com o seguinte número de classificação: 2.2.1.

É evidente que cada autor consultado para cada parte, item e subitens do trabalho, terá uma *ficha separada*, conservando-se o mesmo cabeçalho, com o mesmo título genérico remoto, o mesmo título genérico próximo, o mesmo título específico e o mesmo número de classificação. Assim, as fichas distinguem-se uma das outras pelas referências bibliográficas que se seguem ao cabeçalho.

Por sua vez, quando o corpo ou o texto não couber em uma só ficha, necessitando-se de duas ou mais, para que as seguintes não se percam, devem-se colocar letras maiúsculas indicativas da sequência, logo após o número de classificação da ficha, como o ilustram os exemplos 5 e 6.

Quando não se tem, de antemão, um plano elaborado ou se deseja fazê-lo depois das consultas bibliográficas, a única coisa que é preenchida no cabeçalho é o título genérico remoto, deixando-se em branco o restante, que será completado depois do planejamento do trabalho.

Exemplo:

Artesanato		
•		

2.2.2.2 Referência bibliográfica

A referência bibliográfica deve sempre seguir as normas da ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas – como consta no último capítulo. Para proceder-se corretamente é importante consultar a Ficha Catalográfica da obra, que traz todos os

elementos necessários e, na ausência dela, a folha de rosto e outras partes do livro, até obter as informações completas.

Quando se trata de revistas e outros periódicos, muitas vezes os elementos importantes da referência bibliográfica localizam-se na lombada.

Finalmente, em caso de jornais, a primeira página é que fornece a maioria das indicações.

2.2.2.3 Corpo ou texto

O conteúdo das fichas varia segundo o tipo delas, como se verá a seguir.

2.2.2.4 Indicação da obra

Deve-se pensar que as fichas, depois de utilizadas para a realização de um trabalho, poderão ser novamente empregadas na vida acadêmica ou profissional. Dessa forma, é desejável a indicação da obra, quer para estudos e pesquisas em disciplinas específicas, quer para estudantes de determinada área.

2.2.2.5 Local

É possível que, depois de fichada uma obra, haja necessidade de voltar a consultá-la. Assim, é também importante a indicação do local em que se acha disponível o material.

Exemplo:

cabeçalho	Ocupações Marginais no Nordeste Paulista		
	O. M. e Mobilidade Social	3	
referência bibliográfica	PASTORE, José. Desigualdade e mobilidade social . São Paulo: T. A. Queiroz, 1979, 217 p.		
corpo ou texto			
indicação da obra	Indicado para estudantes de Ciências Sociais e para a disciplina de Sociologia		
local	Biblioteca da Faculdade de Ciências Sociais da USP		

Pelo título da obra que serviu de exemplo, pode-se perceber que o livro de Pastore é utilizável em mais de uma parte ou item do trabalho planejado. Quando ocorre caso semelhante, ficha-se o livro como um todo, para a parte indicada. É a ficha principal. Outras apresentarão o fichamento de parte da obra: devem ser tantas fichas quantos forem os capítulos do livro que dizem respeito a outros tantos itens e subitens do trabalho. São as fichas secundárias.

Exemplo:

Ocupações Marginais no Nordeste Paulista			
Mobilidade Social	Modelos Explicativos da . . .	3.2.1	
PASTORE, José. Modelos explicativos da mobilidade social. In: _____ Desigualdade e mobilidade social . São Paulo: T. A. Queiroz, 1979. p. 15-27.			

Ocupações Marginais no Nordeste Paulista			
Mobilidade Social	Modelos Explicativos da . . .	3.2.1	
SOROKIN, Pitirim A. Espaço social, distância social e posição social. In: CARDOSO, Fernando Henrique, IANNI, Octávio. Homem e sociedade . 3. ed. São Paulo: Nacional, 1966. p. 223-230.			

2.2.3 Conteúdo das fichas

O conteúdo que constitui o corpo ou texto das fichas varia segundo sua finalidade. Pode ser:

- A) Bibliográfica, que se subdivide em
 - a) bibliográfica de obra inteira; e
 - b) bibliográfica de parte de uma obra.
- B) Citações.
- C) Resumo ou de Conteúdo.
- D) Esboço.
- E) Comentário ou Analítica.

O primeiro passo será o de descrever cada uma das formas para, ao final, apresentar exemplos.

2.2.3.1 Ficha bibliográfica

Segundo Salvador (1980:118), a ficha bibliográfica, de obra inteira ou parte dela, pode referir-se a alguns ou a todos os seguintes aspectos:

- a) o campo do saber que é abordado;
- b) os problemas significativos tratados;
- c) as conclusões alcançadas;
- d) as contribuições especiais em relação ao assunto do trabalho;
- e) as fontes dos dados, que podem ser: documentos; literatura existente; estatísticas (documentação indireta de fontes primárias ou secundárias; documentação direta, com os dados colhidos pelo autor); observação; entrevista; questionário; formulário etc.;
- f) os métodos de abordagem e de procedimento utilizados pelo autor:

abordagem

Indutivo

Dedutivo

Hipotético-dedutivo

Dialético

procedimento

Histórico

Comparativo

Monográfico

Estatístico

Tipológico

Funcionalista

Estruturalista

Etnográfico etc.

g) a modalidade empregada pelo autor:

Geral, Específica, Intensiva, Extensiva (exaustiva), Técnica, Não Técnica, Descritiva, Analítica etc.;

h) a utilização de recursos ilustrativos, tais como: tabelas, quadros, gráficos, mapas, desenhos etc.

Salvador ainda recomenda:

- a) **ser breve.** Quando se desejam maiores detalhes sobre a obra, o ideal é a ficha de resumo ou conteúdo, ou, melhor ainda, a de esboço. Na ficha bibliográfica algumas frases são suficientes;
- b) **utilizar verbos ativos.** Para se caracterizar a forma pela qual o autor escreve, as ideias principais devem ser precedidas por verbos, tais como: *analisar, comparar, contém, critica, define, descreve, examina, apresenta, registra, revisa, sugere* e outros;
- c) **evitar repetições desnecessárias.** Não há nenhuma necessidade de colocar expressões como: *este livro, esta obra, este artigo, o autor* etc.

2.2.3.2 Ficha de citações

Consiste na reprodução fiel de frases ou sentenças consideradas relevantes ao estudo em pauta. Devem-se observar os seguintes cuidados:

- a) **toda citação tem de vir entre aspas.** É através desse sinal que se distingue uma ficha de citações das de outro tipo. Além disso, a colocação das aspas evita que, mais tarde, ao utilizar a ficha, se transcreva como do fichador os pensamentos nela contidos;
- b) **após a citação, deve constar o número da página de onde foi extraída.** Isso permitirá a posterior utilização no trabalho, com a correta indicação bibliográfica;
- c) **a transcrição tem de ser textual.** Isso inclui os erros de grafia, se houver. Após eles, coloca-se o termo *sic*, em minúsculas e entre parênteses ou colchetes.

Exemplo (hipotético):

“Chegou-se à conclusão de que o garimpeiro é, antes de tudo, um homem do campo deslocado (*sic*) para a cidade, mas conservador da cultura rural, embora venha assimilando, gradativamente, aspectos da cultura citadina” (p. 127);

- d) **a supressão de uma ou mais palavras deve ser indicada,** utilizando-se, no local da omissão, três pontos, precedidos e seguidos por espaços, no início ou final do texto e entre parênteses, no meio.

Exemplo:

“Essa liberdade é a marca predominante no comportamento do garimpeiro: (. . .) esse desejo de liberdade leva-o a optar, sempre que possível, pela garimpagem, ao invés do trabalho nas lavouras; só em última instância o garimpeiro aceita a opção de serviço na roça, . . .” (p. 130);

- e) **a supressão de um ou mais parágrafos também deve ser assinalada**, utilizando-se uma linha completa de pontos.

Exemplo:

“A religião está bastante associada a credices semelhantes às existentes no ambiente rural brasileiro; todo o ciclo da vida, do nascimento à morte, é acompanhado por um conjunto de práticas supersticiosas, cercado-se o nascimento de uma série de crenças e benzimentos, mesmo que se respeite e pratique o batismo.

.....

Nem sempre a necessidade é de saúde para a pessoa ou familiares, mas para a obtenção de sucesso no trabalho, arranjar um emprego” (p. 108-109);

- f) **a frase deve ser complementada, se necessário**: quando se extrai uma parte ou parágrafo de um texto, este pode perder seu significado, necessitando de um esclarecimento, o qual deve ser intercalado, entre colchetes.

Exemplo:

“Esse rio [Sapucaí], que limita Patrocínio Paulista com Batatais e Altinópolis, é afluente do Rio Grande” (p. 16-17);

- g) **quando o pensamento transcrito é de outro autor, tal fato tem de ser assinalado**. Muitas vezes, o autor fichado cita frases ou parágrafos escritos por outra pessoa. Nesse caso, é imprescindível indicar, entre parênteses, a referência bibliográfica da obra da qual foi extraída a citação.

Exemplo:

“... as gupiaras se encontram ora numa, ora noutra margem do rio” (p. 36) (MACHADO FILHO, Aires da Mata. *O negro e o garimpo em Minas Gerais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964. p. 17).

2.2.3.3 Fichas de resumo ou de conteúdo

Apresenta uma síntese bem clara e concisa das ideias principais do autor ou um resumo dos aspectos essenciais da obra. Características:

- a) **não é um sumário ou índice das partes componentes da obra**, mas exposição abreviada das ideias do autor;

- b) **não é transcrição**, como na ficha de citações, mas é elaborada pelo leitor, com suas próprias palavras, sendo mais uma interpretação do autor;
- c) **não é longa**: apresentam-se mais informações do que a ficha bibliográfica, que, por sua vez, é menos extensa do que a do esboço;
- d) **não precisa obedecer estritamente à estrutura da obra**: lendo a obra, o estudioso vai fazendo anotações dos pontos principais. Ao final, redige um resumo, contendo a essência do texto.

2.2.3.4 Ficha de esboço

Tem certa semelhança com a ficha de resumo ou conteúdo, pois refere-se à apresentação das principais ideias expressas pelo autor, ao longo da sua obra ou parte dela, porém de forma mais detalhada. Aspectos principais:

- a) **é a mais extensa das fichas**, apesar de requerer, também, capacidade de síntese, pois o conteúdo de uma obra, parte dela ou de um artigo mais extenso é expresso em uma ou algumas fichas;
- b) **é a mais detalhada**, em virtude de a síntese das ideias ser realizada quase que de página a página;
- c) **exige a indicação das páginas**, em espaço apropriado, à esquerda da ficha, à medida que se vai sintetizando o material. Pode ocorrer que uma ideia do autor venha expressa em mais de uma página. Nesse caso, a indicação da página será dupla.

Exemplo: 53/54.

Quando em uma ou mais páginas não há nada de interessante, elas são puladas, continuando-se a indicação das páginas a partir das seguintes.

2.2.3.5 Ficha de comentário ou analítica

Consiste na explicitação ou interpretação crítica pessoal das ideias expressas pelo autor, ao longo de seu trabalho ou parte dele. Pode apresentar:

- a) **comentário sobre a forma** pela qual o autor desenvolve seu trabalho, no que se refere aos aspectos metodológicos;
- b) **análise crítica do conteúdo**, tomando como referencial a própria obra;
- c) **interpretação de um texto obscuro** para torná-lo mais claro;
- d) **comparação da obra com outros trabalhos sobre o mesmo tema**;
- e) **explicitação da importância da obra para o estudo em pauta**.

2.2.4 Exemplos de fichas

Ficha Bibliográfica

Ocupações Marginais no Nordeste Paulista			
Ocupações Marginais na Área Rural	Setor de Mineração	5.3	
<p>MARCONI, Marina de Andrade. Garimpos e garimpeiros em Patrocínio Paulista. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978, 152 p.</p> <p>Insere-se no campo da Antropologia Cultural. Utiliza documentação indireta de fontes secundárias e direta, colhidos os dados através de formulário. Emprega o método de abordagem indutivo e o de procedimento monográfico e estatístico. A modalidade é específica, intensiva, descritiva e analítica.</p> <p>Apresenta a caracterização física do Planalto Nordeste Paulista.</p> <p>Analisa a organização econômica do planalto, descrevendo o aspecto legal do sistema de trabalho e das formas de contrato, assim como a atividade exercida e as ferramentas empregadas em cada fase do trabalho. Registra os tipos de equipamentos das habitações e examina o nível de vida das famílias.</p> <p>Descreve o tipo de família, sua composição, os laços de parentesco e compadrio e a educação dos filhos. Examina a escolaridade e a mobilidade profissional entre gerações.</p> <p>Apresenta as práticas religiosas com especial destaque das superstições, principalmente as ligadas ao garimpo.</p> <p>Discrimina as formas de lazer, os hábitos alimentares, de higiene e de vestuário.</p> <p>Levando em consideração o uso de uma linguagem específica, inclui um Glossário.</p> <p>Conclui que o garimpeiro ainda conserva a cultura rurícola, embora em processo de aculturação. Exerce o nomadismo. É solidário. O traço de irresponsabilidade é mais atenuado do que se esperava.</p> <p>Apresenta quadros, gráficos, mapas e desenhos.</p> <p>Esclarece aspectos econômicos e socioculturais da atividade de mineração de diamantes na região rural de maior número de garimpeiros no Nordeste Paulista.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Indicado para estudantes de Ciências Sociais e para as disciplinas de Antropologia Cultural e Social. • Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade. 			

Ficha de Citações

Ocupações Marginais no Nordeste Paulista			
Ocupações Marginais na Área Rural	Setor de Mineração	5.3	
<p>MARCONI, Marina de Andrade. Garimpos e garimpeiros em Patrocínio Paulista. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978, 152 p.</p> <p>“Entre os diversos tipos humanos característicos existentes no Brasil, o garimpeiro apresenta-se, desde os tempos coloniais, como um elemento pioneiro, desbravador e, sob certa forma, como agente de integração nacional.” (p. 7)</p> <p>“Os trabalhos no garimpo são feitos, em geral, por homens, aparecendo a mulher muito raramente e apenas no serviço de lavação ou escolha de cascalho, por serem mais suaves do que o de desmonte.” (p. 26)</p> <p>“. . . indivíduos [os garimpeiros] que reunidos mais ou menos acidentalmente continuam a viver e trabalhar juntos. Normalmente abrangem indivíduos de um só sexo (...) e sua organização é mais ou menos influenciada pelos padrões que já existem em nossa cultura para agrupamentos dessa natureza”. (p. 47) (LINTON, Ralph. O homem: uma introdução à antropologia. 5. ed. São Paulo: Martins, 1965, p. 111).</p> <p>“O garimpeiro (...) é ainda um homem rural em processo lento de urbanização, com métodos de vida pouco diferentes dos habitantes da cidade, deles não se distanciando notavelmente em nenhum aspecto: vestuário, alimentação, vida familiar.” (p. 48)</p> <p>“A característica fundamental no comportamento do garimpeiro (...) é a liberdade”. (p. 130)</p>			

Ficha de Esboço

Ocupações Marginais no Nordeste Paulista	
Ocupações Marginais na Área Rural	Setor de Mineração
	5.3
<p>MARCONI, Marina de Andrade. O garimpeiro – aspectos socioculturais. In _____. Garimpos e garimpeiros em Patrocínio Paulista. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978, p. 93-126.</p>	
93	Economicamente independentes, pois começam a trabalhar cedo, os garimpeiros em geral possuem família nuclear.
95/6	Frequentemente casando-se cedo, os garimpeiros não veem com bons olhos o celibato, considerando a aquisição de uma esposa como um ideal que lhes confere prestígio.
97	A mulher é a principal encarregada da educação dos filhos, que segue padrões diferentes, conforme o sexo da criança.
99	O círculo de amizade é restrito, predominando os laços de parentesco e de trabalho. A mulher desempenha papel secundário, raramente dirigindo a palavra a homens, com exceção dos parentes.
100/1	O compadrio é considerado um laço forte, unindo famílias, sendo as crianças educadas no respeito aos padrinhos, cuja relação com os pais aproxima-se da de parentesco.
102/5	A escolaridade dos garimpeiros é geralmente baixa, mas sua preocupação com os filhos e familiares leva à insistência na escolarização, pois aspiram à independência para os mesmos e consideram penosa sua atividade. O principal fator da baixa escolaridade é a situação econômica, que conduz à atividade remunerada com pouca idade. Porém, em média, sua escolaridade é mais elevada que a dos pais.
106/10	A quase totalidade dos garimpeiros é católica, tal como são ou eram seus pais, sendo que as mulheres e filhos revelam maior assiduidade aos cultos. Mantêm, em suas residências, sinais exteriores de suas crenças (imagens de santos). A prática religiosa está mesclada com crendices, mas é comum a fé em promessas. Sua religião é um misto de catolicismo e práticas mágicas.
111	O garimpeiro é extremamente supersticioso e orienta muitas de suas ações pelos sonhos que tem.
112	O receio de mau-olhado liga-se às etapas e frutos de seu trabalho.
114	Muitos garimpeiros consideram a própria atividade de garimpo como uma forma de lazer.

Ocupações Marginais no Nordeste Paulista			
Ocupações Marginais na Área Rural		Setor de Mineração	5.3
115	O principal lazer consiste em grupos de conversas, sendo o assunto mais discutido os vários aspectos do garimpo.		
116/7	Outras formas de lazer: festas, danças, baralho, rádio. É limitada a leitura de jornais e revistas e praticamente inexistente a de livros.		
118	A alimentação básica do garimpeiro é feijão, arroz, carne e legumes. Raros são os casos em que a carne não faça parte do cardápio diário.		
119/20	É bastante equilibrada a dieta do garimpeiro, que necessita de boa alimentação para aguentar o difícil trabalho do garimpo. O preparo da comida fica a cargo de elementos femininos, principalmente a esposa.		
121	Raramente o garimpeiro bebe durante o trabalho, fazendo-o geralmente nos fins de semana e feriados.		
122	Na maioria dos casos o garimpeiro tem boa saúde, derivada das condições em que exerce sua atividade: ar livre e sol.		
123	Em casos de doença dá-se preferência a remédios caseiros, rezas e benzimentos. O farmacêutico, o enfermeiro ou o médico são consultados apenas quando a doença é grave.		
124/5	As condições das habitações são adequadas. Os garimpeiros têm o hábito do banho diário e escovam os dentes. Entretanto, não lavam as mãos frequentemente e em várias ocasiões.		

Ocupações Marginais no Nordeste Paulista			
Ocupações Marginais na Área Rural	Setor de Mineração	5.3	
<p>MARCONI, Marina de Andrade. Garimpos e garimpeiros em Patrocínio Paulista. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978, 152 p.</p> <p>Caracteriza-se por uma coerência entre a parte descritiva e analítica, entre a consulta bibliográfica e a pesquisa de campo. Tal harmonia difícil e às vezes não encontrada em todas as obras dá uma feição específica ao trabalho e revela sua importância.</p> <p>Os dados, obtidos por levantamento próprio, com o emprego do formulário e entrevistas, caracterizam sua originalidade.</p> <p>Foi dado especial destaque à fidelidade das denominações próprias, tanto das atividades de garimpo quanto do comportamento e atitudes ligadas ao mesmo.</p> <p>O principal mérito é ter dado uma visão global do comportamento do garimpeiro, que difere da apresentada pelos escritores que abordam o assunto, mais superficiais em suas análises, e evidenciando a colaboração que o garimpeiro tem dado não apenas à cidade de Patrocínio Paulista, mas a outras regiões, pois o fruto de seu trabalho extrapola o município.</p> <p>Carece de uma análise mais profunda da inter-relação entre o garimpeiro e o rurícola, em cujo ambiente às vezes trabalha, e o cidadão, ao lado de quem vive.</p> <p>De todos os trabalhos sobre garimpeiros é o mais detalhado, sobretudo nos aspectos socioculturais, porém não permite uma generalização, por se ter restrito ao garimpo de diamantes em Patrocínio Paulista.</p> <p>Essencial na análise das condições econômicas e socioculturais da atividade de mineração do Nordeste Paulista.</p>			

2.2.5 Tipos de fichas de Manzo

Por sua vez, Manzo (1971:16) apresenta cinco tipos de anotações:

- a) **Comentário.** Explicitação do conteúdo, para sua melhor compreensão.
- b) **Informação geral.** Enfoque mais amplo sobre o conteúdo geral.
- c) **Glosa.** Explicitação ou interpretação de um texto obscuro para torná-lo mais claro.
- d) **Resumo.** Síntese bem clara e concisa das ideias principais ou resumo dos aspectos essenciais.
- e) **Citações.** Reprodução fiel de palavras ou trechos considerados relevantes e que deverão ser colocados entre aspas, devido à sua importância em relação ao estudo em pauta.

Os itens a e c são muito semelhantes.

A redação mais usual de fichamento de leitura apresenta duas divisões fundamentais: resumo com as partes principais da obra lida e bibliografia.

Deve-se registrar apenas um assunto em cada ficha; entretanto, se o conteúdo for extenso, o registro pode ser feito em duas ou mais, que ficarão agrupadas.

Exemplo:

a) Ficha de Comentário

GUARDIANO, Paschoa Baldassari. **Uma leitura de São Bernardo:** a exortação litótica. Franca: UNESP | 1977 | . 200 p.

A A. descreve um aspecto do discurso narrativo de grande interesse: o estudo da enunciação e do enunciado em obras narradas em primeira pessoa. O ponto alto, porém, é a validação da retórica estrutural como instrumento adequado para o estudo das personagens e das situações em que elas atuam. É por intermédio da retórica que a A. chega a estabelecer as homologias estruturais da narrativa e a visão do mundo humanista do autor.

b) Ficha de Informação Geral

GUARDIANO, Paschoa Baldassari. **Uma leitura de São Bernardo:** a exortação litótica. Franca: UNESP | 1977 | . 200 p.

A obra é resultado de pesquisas visando à elaboração de tese de doutoramento em Letras, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e Ciências Humanas da USP

Obra didática e necessariamente erudita; destina-se aos interessados em Literatura e Teoria Literária. Vale-se, como apoio metodológico e fundamentação teórica, do Estruturalismo Genérico de L. Goldmann e do Estruturalismo Linguístico. A obra visa à descrição e à interpretação de São Bernardo, romance de Graciliano Ramos, podendo servir como modelo a análises similares. Foi editada pela UNESP, Campus de Franca, em 1977, na série Teses e Monografias.

c) *Ficha de Glosa*

GUARDIANO, Paschoa Baldassari. **Uma leitura de São Bernardo**: a exortação litótica. Franca: UNESP|1977|. 200 p.

Leitura, termo utilizado no título da obra não é o ato de ler; é termo específico de Teoria da Literatura; significa descrever um texto particular, uma obra existente, utilizando os instrumentos elaborados pela **Poética** – toda teoria interna da Literatura – para evidenciar sua significação. Assim, a leitura de São Bernardo significa a descrição da estrutura de São Bernardo.

d) *Ficha de Resumo*

GUARDIANO, Paschoa Baldassari. **Uma leitura de São Bernardo**: a exortação litótica. Franca: UNESP|1977|. 200 p.

A A. objetiva descrever a construção do discurso narrativo de São Bernardo; explicitando as unidades narrativas e os princípios de coesão que fundamentam o romance, a A. examina mecanismos de verossimilhança e o sistema de motivações para revelar os procedimentos indiciais e as funções das personagens. Encontrando na retórica o instrumento adequado para desvendar a significação do texto – a palavra crítica, invariante temática de Graciliano Ramos – opõe, como conclusão, a reificação humana existente na sociedade brasileira à visão do mundo humanista proposta pelo narrador.

e) *Ficha de Citações*

GUARDIANO, Paschoa Baldassari. **Uma leitura de São Bernardo**: exortação litótica. Franca: UNESP|1977|. 200 p.

Da obra:

“O valor final encontrado é a medida do julgamento dessa ideologia; incomunicabilidade, solidão e infelicidade foram, de fato, os resultados de sua busca”. p. 127

“O futuro do homem brasileiro, presumimos, sua autorrealização, dependerá do conhecimento de suas próprias limitações e da real tentativa de superá-las mediante uma fundamentação ideológica que não perca de vista os melhoramentos essenciais do ser humano: a comunicabilidade e a solidariedade”. p. 173

Na obra:

1. de THOMACHEVSKI, B. Thématique. In: EIKEMBAUN et al. **Théorie de la littérature**. Paris: Seuil, 1965. p. 23.

“Le processus littéraire s’organise autour de deux moments importants: le choix du thème et son élaboration.”

2. de PROPP, V. **Morphologie du conte**. Paris: Seuil, 1970. p. 176.

“Il faut considérer le conte en rapport avec son milieu, avec les situations dans laquelle il vit.”

2.3 Resumos

Da mesma forma que as fichas, para os pesquisadores os resumos são instrumentos obrigatórios de trabalho através dos quais se podem selecionar obras que merecem a leitura do texto completo. Entretanto, os resumos só são válidos quando contiverem, de forma sintética e clara, tanto a natureza da pesquisa realizada quanto os resultados e as conclusões mais importantes, em ambos os casos destacando-se o valor dos achados ou de sua originalidade.

2.3.1 Conceito, finalidade e caráter

O resumo é a apresentação concisa e frequentemente seletiva do texto, destacando-se os elementos de maior interesse e importância, isto é, as principais ideias do autor da obra.

A finalidade do resumo consiste na difusão das informações contidas em livros, artigos, teses etc., permitindo a quem o ler resolver sobre a conveniência ou não de consultar o texto completo. O caráter de um resumo depende de seus objetivos: apresentar um sumário narrativo das partes mais significativas, não dispensando a leitura do texto; condensação do conteúdo, expondo ao mesmo tempo tanto as finalidades e metodologia quanto os resultados obtidos e as conclusões da autoria, permitindo a utilização em trabalhos científicos e dispensando, portanto, a leitura posterior do texto original; análise interpretativa de um documento, criticando os diferentes aspectos inerentes ao texto.

2.3.2 Como resumir

Levando-se em consideração que quem escreve obedece a um plano lógico através do qual desenvolve as ideias em uma ordem hierárquica, ou seja, proposição, explicação, discussão e demonstração, é aconselhável, em uma primeira leitura, fazer um esboço do texto, tentando captar o *plano geral da obra e seu desenvolvimento*.

A seguir, volta-se a ler o trabalho para responder a duas questões principais: de que trata este texto? O que pretende demonstrar? Com isso, identifica-se a *ideia central* e o *propósito* que nortearam o autor.

Em uma terceira leitura, a preocupação é com a questão: como o disse? Em outras palavras, trata-se de descobrir *as partes principais em que se estrutura o texto*. Esse passo significa a compreensão das ideias, provas, exemplos etc. que servem como explicação, discussão e demonstração da proposição original (ideia principal). É importante distinguir a *ordem em que aparecem as diferentes partes do texto*. Geralmente quando o autor passa de uma ideia para outra, inicia novo parágrafo; entretanto, a ligação entre os parágrafos permite identificar:

- a) **consequências** (quando se empregam palavras tais como: em consequência, por conseguinte, portanto, por isso, em decorrência disso etc.);
- b) **justaposição** ou **adição** (identificada com expressões de tipo: e, da mesma forma, da mesma maneira etc.);
- c) **oposição** (com a utilização das palavras: porém, entretanto, por outra parte, sem embargo etc.);
- d) **incorporação** de novas ideias;
- e) **complementação** do raciocínio;
- f) **repetição** ou reforço de ideias ou argumentos;
- g) **justificação** de proposições (por intermédio de um exemplo, comprovação etc.);
- h) **digressão** (desenvolvimento de ideias até certo ponto alheias ao tema central do trabalho).

Os três últimos casos devem ser totalmente excluídos do resumo.

A última leitura deve ser feita com a finalidade de:

- a) **compreensão do sentido** de cada parte importante;
- b) **anotação das palavras-chave**;
- c) **verificação do tipo de relação entre as partes** (consequência, oposição, complementação etc.).

Uma vez compreendido o texto, selecionadas as palavras-chave e entendida a relação entre as partes essenciais, pode-se passar à elaboração do resumo.

2.3.3 Tipos

Dependendo do caráter do trabalho científico que se pretende realizar, o resumo pode ser: indicativo ou descritivo; informativo ou analítico; crítico.

- a) **indicativo ou descritivo** – quando faz referência às partes mais importantes, componentes do texto. Utiliza frases curtas, cada uma correspondendo a um elemento importante da obra. Não é simples enumeração do sumário ou índice do trabalho. Não dispensa a leitura do texto completo, pois apenas descreve sua natureza, forma e propósito;
- b) **informativo ou analítico** – quando contém todas as informações principais apresentadas no texto e permite dispensar a leitura deste último; portanto, é mais amplo do que o indicativo ou descritivo. Tem a finalidade de informar o conteúdo e as principais ideias do autor, salientando:

- os objetivos e o assunto (a menos que se encontre explicitado no título);
- os métodos e as técnicas (descritas de forma concisa, exceto quando um dos objetivos do trabalho é a apresentação de nova técnica);
- os resultados e as conclusões.

Sendo uma apresentação condensada do texto, esse tipo de resumo não deve conter comentários pessoais ou julgamentos de valor, da mesma maneira que não deve formular críticas. Deve ser seletivo e não mera repetição sintetizada de *todas as ideias* do autor. Utilizam-se, de preferência, as próprias palavras de quem fez o resumo; quando cita as do autor, apresenta-as entre aspas. Não sendo uma enumeração de tópicos, o resumo informativo ou analítico deve ser composto de uma sequência corrente de frases concisas. Ao final do resumo, indicam-se as palavras-chave do texto. Da mesma forma que na redação de fichas, procura-se evitar expressões, tais como: o autor disse, o autor falou, segundo o autor ou segundo ele, a seguir, este livro (ou artigo, ou documento) e outras do gênero, ou seja, todas as palavras supérfluas. Deve-se dar preferência à forma impessoal.

- c) **crítico** – quando se formula um julgamento sobre o trabalho. É a crítica da forma, no que se refere aos aspectos metodológicos; do conteúdo; do desenvolvimento da lógica da demonstração; da técnica de apresentação das ideias principais. No resumo crítico não pode haver citações.

2.3.4 Exemplos

Resumo indicativo ou descritivo

LAKATOS, Eva Maria. *O trabalho temporário: nova forma de relações sociais no trabalho*. São Paulo: Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1979. 2. v. (Tese Livre-Docência).

Etapas do desenvolvimento econômico que caracterizam a transição do feudalismo para o capitalismo. Distinção entre as relações sociais formais de produção e as relações sociais no trabalho, segundo as sucessivas fases de organização industrial: sistema familiar, de corporações, doméstico e fabril; também de acordo com a natureza das elites que introduzem ou determinam o processo de industrialização nas diferentes sociedades: elite dinástica, classe média, intelectuais revolucionários, administrador colonial, líder nacionalista. As elites influem ainda no processo de recrutamento da mão de obra, na integração do trabalhador na empresa, na autoridade que elabora as normas referentes à relação entre o trabalhador e a direção da empresa e no caráter da atividade da gerência sobre os trabalhadores. Conceito de trabalhador temporário. Etapas de desenvolvimento econômico das sociedades que influem no processo de trabalho. Organização do trabalho e suas alterações, causa

e consequência das transformações da sociedade. Surgimento e desenvolvimento do trabalho temporário segundo as etapas de desenvolvimento econômico e da organização do trabalho. Metodologia da pesquisa, seleção da amostra, técnicas de coleta de dados, enunciado das hipóteses e variáveis. Análise e interpretação dos dados, comprovação ou refutação das hipóteses. Perfil do trabalhador temporário.

Resumo informativo ou analítico

LAKATOS, Eva Maria. *O trabalho temporário: nova forma de relações sociais no trabalho*. São Paulo: Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1979, 2. v. (Tese de Livre-Docência).

A partir da Idade Média, as sucessivas fases da organização industrial apresentam o sistema familiar, onde a produção era realizada pelos membros da família, para seu próprio consumo e não para a venda, pois praticamente inexistia mercado; o sistema de corporações, em que a produção ficava a cargo de mestres artesãos independentes, donos da matéria-prima e das ferramentas de trabalho, auxiliados por aprendizes, atendendo a um mercado pequeno e estável: não vendiam seu trabalho mas o produto de sua atividade; sistema, doméstico, com um mercado em expansão, onde o mestre artesão perde parte de sua independência: surge o intermediário a quem pertence a matéria-prima e, em consequência, o produto acabado; sistema fabril, atendendo a um mercado cada vez mais amplo e oscilante, onde a produção é realizada em estabelecimentos pertencentes ao empregador, sendo o trabalhador totalmente dependente, pois não é mais dono dos instrumentos de produção: vende, portanto, sua força de trabalho. As relações sociais formais de produção resultam "dos direitos definidos de acesso a um particular meio de vida e de participação nos resultados do processo de trabalho". As relações sociais no trabalho compreendem "aquelas relações que se originam da associação, entre indivíduos, no processo cooperativo de produção". A Revolução Industrial não alterou as relações sociais formais de produção do sistema fabril. De acordo com a natureza da elite que orienta, introduz ou determina o processo de industrialização, as relações sociais no trabalho recebem diferentes influências. As principais são: processo empregado no recrutamento da mão de obra; na integração do trabalhador na empresa; na autoridade que elabora as normas referentes às relações entre o trabalhador e a direção da empresa; no caráter da autoridade da gerência sobre o trabalhador. A elite dinástica recruta, baseada em laços familiares; utiliza mecanismos paternalistas de integração; elabora normas através do Estado e da própria gerência e tem uma preocupação paternalista com os trabalhadores. A classe média recruta segundo a habilidade; cria mecanismos específicos de integração; a elaboração das normas é pluralista e considera o trabalhador como cidadão. Os intelectuais revolucionários realizam um recrutamento apoiados na filiação política; a integração dá-se através do apelo ideológico; a elaboração das normas encontra-se sob a égide do partido e do Estado, e a autoridade tem caráter ditatorial, de início, e, mais tarde, constitucional. Os administradores coloniais recrutam segundo a natu-

ralidade; a integração é paternalista; as normas são elaboradas pela metrópole e as formas de autoridade são ditatorial e paternalista. Os líderes nacionalistas recrutam segundo a qualificação profissional e política; a integração baseia-se na elaboração de normas; consideram o trabalhador como patriota; a elaboração de normas destaca o Estado e os dirigentes, e a autoridade depende do tipo de gerentes. Distingue-se o trabalho temporário de outras atividades, tais como: trabalho parcial, recrutamento direto, período de experiência, empréstimo de trabalhador, subcontratação, empreitada, trabalhador sazonal, diarista, trabalhador externo e trabalhador doméstico. Na conceituação de trabalhador temporário faz-se referência a uma relação triangular entre o empregador (agência de mão de obra temporária – fornecedor), o trabalhador temporário e a empresa cliente (tomador). O trabalho temporário “é uma consequência do sistema fabril de produção, surgindo espontaneamente em determinada etapa do desenvolvimento econômico, inserindo-se, geralmente, em formas específicas de organização do trabalho – determinada pela tecnologia e pluralista – sob certas condições: organização contratual, contratos individuais e baseados na ocupação”. A sociedade industrialmente desenvolvida favorece o surgimento do trabalho temporário. A ampliação deste é incentivada pelo aumento da divisão do trabalho e pela especialização: coincide sua expansão com o aumento do desemprego. O trabalhador temporário diferencia-se daquele que é fixo por um conjunto de características, sendo as mesmas uma decorrência do tipo de atividade exercida, assim como do tempo de exercício da função. O trabalhador é encaminhado a esta atividade principalmente pela insuficiência de oferta de empregos fixos. O trabalhador temporário é predominantemente do sexo masculino; entre 18 e 30 anos; com primário completo; sem companheiro; família pouco numerosa, geralmente migrante do próprio Estado; renda familiar entre Cr\$ 2.500,00 e Cr\$ 5.000,00 (1976); responsável econômico da família; mora em casa alugada e não possui outra fonte de renda ou bens.

Palavras-chave: Sistema familiar, de corporações, doméstico e fabril. Relações sociais formais de produção. Relações sociais no trabalho. Revolução Industrial. Elite dinástica, classe média, intelectuais revolucionários, administradores coloniais e líderes nacionalistas. Trabalho temporário. Trabalhadores temporários. Características dos trabalhadores temporários.

Resumo crítico

LAKATOS, Eva Maria. *O trabalho temporário: nova forma de relações sociais no trabalho*. São Paulo: Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1979. 2. v. (Tese de Livre-Docência).

Traça um panorama do trabalho temporário nos dias atuais, nos municípios de São Paulo, ABC e Rio de Janeiro, relacionando as razões históricas, sociais e econômicas que levaram ao seu aparecimento e desenvolvimento. Divide-se em duas partes. Na primeira, geral, tem-se a retrospectiva do trabalho temporário. Partindo do surgimento da produção industrial, traça um panorama da evolução dos sistemas

de trabalho. Dessa maneira são enfocadas, do ponto de vista sociológico, as relações de produção através dos tempos. Esse quadro histórico fornece a base para a compreensão dos fatores sociais e econômicos que levaram à existência do trabalho temporário tal como é conhecido hoje no contexto urbano. A parte teórica permite também visualizar a realidade socioeconômica do trabalhador temporário, conduzindo, em sequência lógica, as pesquisas de campo apresentadas na segunda parte do trabalho. A parte essencial consiste em uma pesquisa realizada em três níveis: o trabalhador temporário, as agências de mão de obra temporária e as empresas que a utilizam. Ao abordar os três elementos atuantes no processo, a pesquisa cerca o problema e faz um levantamento profundo do mesmo. As técnicas utilizadas para a seleção da amostra e coleta de dados são rigorosamente corretas do ponto de vista metodológico, o que dá à pesquisa grande confiabilidade. As tabelas apresentadas confirmam ou refutam as hipóteses levantadas, permitindo que, a cada passo, se acompanhe o raciocínio que leva às conclusões do trabalho. Estas são apresentadas por tópicos e divididas conforme a parte a que se referem, permitindo ao leitor uma confrontação entre o texto comprobatório e a conclusão dele resultante. Ao final de cada capítulo aparece um glossário, com a definição dos principais conceitos utilizados no texto. São ainda apresentadas, em anexo, a legislação referente ao trabalho temporário, o modelo de formulário utilizado na pesquisa e a lista de itens que a integra. As tabelas que apresentam os resultados da pesquisa fazem parte do segundo volume. Esse material permite que se conheça em detalhes e se possa reproduzir o processo de investigação realizado.

Literatura recomendada

ASTI VERA, Armando. *Metodologia da pesquisa científica*. Porto Alegre: Globo, 1976. p. 120-125.

BARRASS, Robert. *Os cientistas precisam escrever: guia para redação para cientistas, engenheiros e estudantes*. São Paulo: T. A. Queiroz: EDUSP, 1979. Capítulo 11.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. *Metodologia científica: para uso dos estudantes universitários*. 2. ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1978. Parte II, Capítulo 4.

FRAGATA, Júlio. *Noções de metodologia: para a elaboração de um trabalho científico*. 3. ed. Porto: Tavares Martins, 1980. Capítulos 5 e 6.

GALLIANO, A. Guilherme (Org.). *Método científico: teoria e prática*. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1977. Parte II, Capítulo 9.

GOODE, William J.; HATT, Paul K. *Métodos em pesquisa social*. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1968. Capítulo 9.

KURY, Adriano Gama. *Elaboração e editoração de trabalhos de nível universitário: especialmente na área humanística*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1980. Capítulo 1.

REHFELDT, Gládis Knak. *Monografia e tese: guia prático*. Porto Alegre: Sulina, 1980. Parte I, Capítulos 1, 2 e 3.

RUMMEL, J. Francis. *Introdução aos procedimentos de pesquisa em educação*. 3. ed. Porto Alegre: Globo, 1977. Capítulo 7.

SALOMON, Délcio Vieira. *Como fazer uma monografia: elementos de metodologia do trabalho científico*. 3. ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1973. Parte I, Capítulo 3, Parte III, Capítulos 3 e 4.

SALVADOR, Ângelo Domingos. *Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica: elaboração de trabalhos científicos*. 8. ed. Porto Alegre: Sulina, 1980. Parte I, Capítulo 2, Seção 3.

VEGA, Javier Lasso de la. *Manual de documentación*. Barcelona: Labor, 1969. Parte III.